

O MAL-ESTAR NO PORTUGUÊS

ou

Olha Quem Está Falando!

RICARDO GOLDENBERG

Quando os Flügelbaum chegaram à Argentina, vindos da europa central ou do leste, fizeram-no em dois momentos diferentes e em dois portos separados. Hoje eles são duas famílias de sobrenome Pajarbol e Arbolave. Meu tio Walter tornou-se Gualterio ao entrar, mas não pode reclamar porque está em distinta companhia, junto a El Bosco, aliás, Hyeronimus Bosch, e Elizabeth, Queen of England, melhor conhecida na Espanha como: la reina Isabel de Inglaterra. Ninguém entra no espanhol impunemente.

O Brasil acolhe melhor seus metecos
, não resta dúvida. Elizabeth não apenas não precisaria perder o nome para o português, como este se dobraria cortesmente para lhe fazer um lugar como Elizabete. E não raro a deixaria passar o resto de seus dias falando "portuglês" sem se incomodar - ou quase, porque às vezes revida, recortando o nome, que termina feito Bete ou, ainda, Bé.

Para quem acompanhou de perto os atritos criados entre Portugal e Brasil por questões de

soberania idiomática - por ocasião dos recentes debates sobre a conveniência de uma reforma do português padrão -, deve resultar curioso comprovar, junto a este desafio à hegemonia lusitana sobre a língua, a docilidade dos brasileiros perante os abusos linguísticos perpetrados pelos seus hóspedes vindos de fora.

Não apenas são tolerantes com o péssimo uso que outros fazem da língua, como parecem estar prestes a cedê-la, eles mesmos, à menor ocasião. Basta um forasteiro de nobre fala sentado a uma mesa brasileira, por mais numerosa que esta seja, para que o resto dos comensais abra mão do seu português, no exercício de uma hospitalidade não isenta de rancor

. Um jornal brasileiro aceita traduzir do espanhol as notas diárias que seu jornalista-estrela é incapaz de escrever em português, após vinte anos no país. Comentário de um brasileiro: Isso prova que o cara é bom...

Após um dos seus macarrônicos discursos nos Estados Unidos, o presidente do Brasil foi reprovado, não por ter esquecido sua condição de representante da língua nacional, mas por não ter sabido estar à altura do inglês de seu colega Americano. Das virtudes que elegeram seu sucessor no cargo, uma das mais enfatizadas era, precisamente, sua capacidade para expressar-se fluentemente nas línguas "cultas". Ele, sim, representava com dignidade o português: podia abandoná-lo com elegância.

Cara, eu ganho; coroa, tu perdes

A complacência extremada da língua portuguesa, tal como é falada no Brasil, pode ser considerada tanto o pior dos seus defeitos, como a maior das suas virtudes. Há quem diga que esta tendência a modificar-se ao contato com outros idiomas constitui a grande fraqueza do português brasileiro, sua tendência à entropia, à degradação. Outros, ao invés, vêem ali uma fonte de transformações sem fim e a consideram, portanto, como um sinal de vitalidade e de força criativa.

Seja como for, é uma fato de experiência que os estrangeiros -suportes materiais da língua heteros-, os estrangeiros que cá permanecem, os metecos, são solicitados em posição de mestria

e que, dependendo do modo como eles mesmos se posicionarem, subjetivamente, face a esta solicitação, passarão com extrema facilidade de um lugar de fascínio idealizado ao oposto, de rejeição, estranheza e temor (o fremde de que nos fala Freud, o nosso íntimo visto como sinistro no outro). Porque, no fundo, o estrangeiro é sempre tabu e está, como qualquer tabu, afetado por um noli tangere. Intocáveis para qualquer crítica, porque venerados. Intocáveis para qualquer aproximação, porque detestados.

Aquela postura dos chefes de estado reflete, na minha opinião, este status paradoxal, entre luxo e lixo, do estrangeiro no Brasil. Enquanto um apresenta, no exterior, a própria desvalorização como representante deste idioma menor -como entender de outra maneira esta sua opção de trocar seu bom português (este presidente, em particular, é um literato) por um mal inglês? O outro finge que encarna, ele mesmo, o estrangeiro. Mostra, por assim dizer, o gringo nele. A dispensa do intérprete toma, para um e outro, significações opostas, porém, de sentido único: louvar o Outro. As estratégias presidenciais, com relação à língua, são, em suma, respectivamente: A minha não vale nada; a sua não tem preço. Não é difícil inferir, a partir destas estratégias, a política que está sendo executada.

Se dois eminentes falantes nativos adotam semelhante política face ao estrangeiro, que política podemos esperar do meteco, no que diz respeito à sua língua nacional? Ou ele deixa esta última minar o português, instalando-se numa meia língua qualquer. Ou ele impinge o próprio idioma aos brasileiros pela força

- caso do repórter que escreve em espanhol para um jornal brasileiro. Seria um exagero afirmar que o imigrante se sente convidado a adotar duas posturas que são o espelho exato das dos presidentes? Como se surpreender de que os metecos não se sintam, em absoluto, coagidos a aprender direito a língua portuguesa
?

O mal-estar no português

Os psicanalistas tampouco estão livres de conflito nas suas relações com a língua que falam. Por que estariam? Para eles, contudo, a figura da outra língua está muito melhor especificada do que para o resto, porquanto referida às vicissitudes transferenciais com os estrangeiros que foram seus mestres e analistas, direta ou indiretamente

Cumprir dizer, todavia, que eles estão em melhores condições de fazer algo concreto pela pacificação das relações com o português, do que os membros da academia e os professores de letras jamais estarão. E isso pelo simples fato de que estes só podem legislar e serem ou não obedecidos (de praxe, não), enquanto os analistas dispõem de um meio concreto para mudar as identificações que estão na origem de seu desafeto pelo português.

Desde que este seja reconhecido como tal. Mas, isto é, precisamente, o que não acontece. Eu já nem sei mais se estou lendo em espanhol ou em português, dizia-me um colega a quem eu perguntara se tinha lido tal texto no original ou na tradução brasileira . Outro, retorna da sua análise em Paris bufando à francesa e deslocando todos os acentos tônicos de seu português falado. Outro, ainda, erra sistematicamente as concordâncias

verbais e constrói suas frases com todos os galicismos a que tem direito. Que seus amores com a língua-mãe também sejam difíceis não surpreende tanto quanto o fato de os analistas pouco se importarem com isso. Eles, cuja função existe em e por esta língua. Não fosse um tal descaso generalizado, eu não vacilaria em denominar este fenômeno de sintoma

A produção literária da comunidade analítica local, por exemplo, está perpassada por uma série de perturbações na sintaxe e na gramática, cuja regularidade faz pensar numa verdadeira patologia da escrita. Podemos duvidar que um detalhe puramente formal, como este, mereça o espalhafatoso nome de sintoma. Ou por outra: podemos pensar que o importante é o que os autores têm a dizer e não o modo como o dizem.

Se fosse possível, todavia, demonstrar que existe uma relação entre aquelas perturbações da expressão escrita e um outro fenômeno, este, sim, de inegável caráter sintomático, a denominação de sintoma não pareceria ali tão descabida. Sobretudo, porque este outro fenômeno atenta diretamente contra a almejada difusão das idéias. Refiro-me ao tédio que afeta regularmente os leitores destes textos, desestimulando-os de continuarem com a sua leitura.

O que é um leitor?

- Ninguém lê ninguém, dizia-me um colega, referindo-se a si mesmo e a seus pares, - mas todos escrevem, com a esperança de se tornarem a exceção, o "ao-menos-um" que será lido. Sei que ele exagera, contudo, se fosse verdade, este fenômeno não seria um privilégio do Brasil

. A frase de meu colega lembra a resposta de um editor argentino à pergunta: por que mais uma revista de psicanálise? - Porque não há leitores, ele disse. Boutade ou lapso? Pouco importa. Pensaria ele em solitárias runas esperando no deserto por ninguém? Ou imaginava uma escritura criacionista, que gerasse leitores ex-nihilo?

Quem sabe dar a ler não consista apenas em provocar o hermeneuta nos outros a decidir sobre o sentido do que temos escrito

? Borges opina que são os livros que encontram seus leitores. O leitor absoluto seria seu Pierre Menard, romancista francês do século vinte que se propunha a escrever Don Quijote de la Mancha sem plagiar a Cervantes. Não se tratava de ser Cervantes mas de chegar ao Quixote através das experiências de Pierre Menard (p.447).

Por qué precisamente el Quijote? dirá nuestro lector. Esa preferencia en un español, no hubiera sido inexplicable; pero sin duda lo es en un simbolista de Nîmes, devoto

essencialmente de Poe, que engendrou a Baudelaire, que engendrou a Mallarmé, que engendrou a Valéry, que engendrou a Edmond Teste.
Borges ataca ferozmente a ilusão da leitura inocente, da leitura que não reconhece os grilhões que a prendem a seu tempo.

Componer el Quijote a principios del siglo diecisiete era una empresa razonable, necesaria, acaso fatal; a principios del veinte, es casi imposible. No en vano han transcurrido trescientos años, cargados de complejíssimos hechos. Entre ellos, para mencionar uno solo: el mismo Quijote.

Tenho comigo que o tédio de que falava antes não reflete apenas a pretensa densidade da matéria desenvolvida, mas é a tradução subjetiva de um incômodo - aparentado com a angústia
-, decorrente do tratamento dispensado à língua materna pelos autores. O tédio seria, pois, uma reação defensiva contra o sentimento provocado pelas pequenas transgressões acumuladas das leis da gramática. Tais violências, embora inadvertidas para os autores, são visíveis nos textos e exprimem um verdadeiro mal-estar na língua.

Tomemos, por exemplo, a proliferação de ismos (galicismos, anglicismos, espanholismos, etc.) que parasitam tantos textos assinados por analistas . Como deixar de ver, nesta patologia da escrita, as manifestações do não analisado das transferências com a língua estrangeira relacionada com a própria formação? · guisa de conjectura, portanto, direi que os diversos ismos que arruinam o bom uso do português são as marcas identificatórias inconscientes dos usuários com o estrangeiro em posição de mestre: o mestreco.

Que o mestreco ignore o que faz com a língua que o acolhe -que não saiba que a maltrata, nada muda. Para o discípulo obediente, ao contrário, os erros de sintaxe e o sotaque são vistos como a marca registrada do desejo do mestre. Uma vez adotados como traço unário, estes sinais funcionarão como arrimos da própria identidade. É sempre o pior do pai que o neurótico escolhe para sua identificação imaginária. As violências perpetradas pelos filhos sobre a lei que rege sua língua materna demonstra, em suma, ora o enamoramento do pai estrangeiro, ora o desprezo -ódio, talvez- pelo pai nacional.

Não creio, por tudo que já disse, que se trate de um problema específico dos psicanalistas, longe disso. Minha conjectura supõe um mal-estar dos brasileiros na sua língua. Parece-me, não obstante, da maior importância, se esta conjectura for verossímil, que os analistas - pelo menos, os desta língua (entre os quais me conto, apesar de ser eu mesmo um meteco) - não façam ouvidos moucos.

São Paulo, maio de 1993

Isto
, seus estrangeiros radicados.

A fronteira entre hospitalidade e subserviência é sutil e se atravessa com facilidade. O visitante de fora deverá agir, de preferência, como um mestre, permanecendo, portanto, cuidadosamente alien. A menor tentativa de assimilação o fará cair do lugar de mestria - com a reverência, o temor e a dor de cotovelo que comporta este lugar -, para a vala comum dos desafetos de seus antigos anfitriões / servos.

Obviamente, existem gringos e gringos: uma coisa é ser inglês; outra, paraguaio.

Pode ser a força do prestígio, tanto faz.

Digo que estão convidados a ocupar um lugar de mestria, não que estão obrigados a ocupá-lo. Isso quer dizer que o meteco pode optar por uma outra política, qual seja, a de cultivar o seu português. Porém, se o fizer, caso renuncie ao domínio em prol de uma certa assimilação (continua gringo, só que, sem as prerrogativas da sua investidura de mestre), enfrentará a mais intensa resistência da parte dos nativos, correndo o risco de que falava antes (cf. nota 1), isto é, perder os benefícios da xenofilia e começar a sofrer os prejuízos da xenofobia.

Com indiretamente refiro-me aos casos, que não são poucos, em que o paciente "herda" vícios de linguagem que dizem respeito ao não analisado da transferência de seu analista, brasileiro, com um estrangeiro.

Existe aqui uma ilusão de homogeneidade que é tão falsa quanto perigosa. Dois exemplos: Uma dissertação intitulada quem analisa (sic) hoje? deixa a platéia perplexa, sem saber se o palestrante fala de análise ou de analidade. Outro: Devido a uma transcrição direta do título espanhol do livro *Jenseits des Lustprinzips: Más allá del principio del placer*, esta obra de Freud é conhecida aqui como *Mais além do princípio do prazer*. Acontece, porém, que a tradução correta de: *más allá* é apenas: além, não: mais além - já que a palavra *allá*, sozinha, não quer dizer além, mas lá. O interesse deste deslizamento sutil e, talvez, sem importância, é que revela a enganosa facilidade de se ler em castelhano a obra de Freud.

Com efeito, acredito que não cabe falar em sintoma enquanto enxergarmos uma perturbação estando de fora, sem nos considerarmos implicados nela. Não há sintoma, analiticamente falando, quando o paciente não se reconhece como tal, isto é, como a sede de um padecimento subjetivo. O compromisso subjetivo exprimido pela queixa parece-me uma condição necessária do sintoma.

Não dizia Lacan que o destino de todas as publicações era a lata de lixo (poubellications, de poubelle, lixo)? Menos seus Escritos, claro, que -sempre segundo ele- não eram para serem lidos (frase cujo mérito foi garantir seu sucesso editorial).

É necessário gostar de ler para se aprender a escrever. Explicaram-me que enquanto um certo ideal francês impregnava a educação no Brasil, há algumas décadas, as crianças se interessavam pela língua como objeto e aprendiam a ler e a escrever corretamente. De lá para cá, uma concepção predominantemente instrumental da linguagem parece ter tirado qualquer prazer da leitura e da língua como um todo, com o conseqüente empobrecimento da expressão escrita nas novas gerações.

BORGES Jorge Luis, Obras Completas, p. 444 e ss.

Quero dizer: estruturalmente homólogo. Em outra ocasião desenvolverei este ponto.

Ass(ass)inados por eles, haveria que dizer às vezes. Note-se que não falo aqui, apenas, de um problema de estilo, como, por exemplo, a homogeneidade no uso de determinados termos ou formas de linguagem qualificada, ludicamente, de lacanês. O fenômeno a que me refiro afeta de modo duradouro, se não permanente, a relação dos autores com sua língua materna.

O meteco tomado como mestre

onada com a própria formação?·A

Explicaram-me que enquanto um certo ideal francês impregnava a educação no Brasil, há algumas décadas, as crianças se interessavam pela língua como objeto e aprendiam a ler e a escrever corretamente. De lá para cá, uma concepção predominantemente instrumental da linguagem parece ter tirado qualquer pra_